

Comentários

Em julho de 2010, os índices regionais da produção industrial ajustados sazonalmente mostraram sete dos quatorze locais com crescimento na produção frente a junho. Goiás (10,3%) apontou a maior expansão, praticamente devolvendo a perda de 10,7% observada no mês anterior. Bahia (3,6%), Rio Grande do Sul (3,3%), região Nordeste (1,7%), Rio de Janeiro (1,1%) e São Paulo (0,5%) completaram o conjunto de locais que cresceram acima da média nacional (0,4%). Minas Gerais (0,1%) e Espírito Santo (-0,2%) praticamente repetiram o patamar de junho último. Os resultados negativos na passagem de junho para julho foram assinalados por: Pará (-0,7%), Pernambuco (-1,2%), Amazonas (-1,3%), Ceará (-1,5%), Paraná e Santa Catarina (ambos com recuo de 2,9%).

Na comparação julho 10/julho 09, os índices foram predominantemente positivos, com todos os locais registrando avanço na produção, à exceção de Santa Catarina, que apontou variação negativa de 0,1%. Vale citar que julho de 2010 (22) possui um dia útil a menos que julho de 2009 (23). A taxa positiva mais elevada foi registrada no Espírito Santo (24,7%), seguido por Paraná (18,1%), Amazonas (16,4%), Bahia (14,4%), região Nordeste (14,3%), Ceará (13,4%), Pernambuco (13,3%) e Minas Gerais (11,2%), todos com expansões de dois dígitos. Goiás, com crescimento de 8,8%, também ficou acima da média nacional (8,7%), enquanto Rio Grande do Sul (8,6%), Rio de Janeiro (8,0%), São Paulo (7,9%) e Pará (3,9%) assinalaram as demais taxas positivas.

O indicador acumulado no período janeiro-julho de 2010 também teve perfil generalizado de crescimento, com todos os locais apontando índices positivos. Espírito Santo (34,9%), Amazonas (26,4%) e Minas Gerais (20,5%) registraram as taxas mais elevadas neste tipo de comparação, impulsionados em grande parte pelos avanços na indústria extrativa (minérios de ferro), no setor produtor de bens de consumo duráveis (televisores, telefones celulares, fornos microondas e motocicletas) e em metalurgia básica (ferronióbio e lingotes, blocos, tarugos ou placas de aço). Também com

expansões de dois dígitos e acima da média nacional (15,0%) figuram ainda: Paraná (19,3%), Goiás (18,9%), Pernambuco (17,3%) e Ceará (16,5%). Os demais resultados positivos foram observados em São Paulo e região Nordeste (ambos com 14,1%), Bahia (13,8%), Rio Grande do Sul (10,8%), Rio de Janeiro (10,4%), Santa Catarina (10,3%) e Pará (8,1%). No desempenho positivo destes locais observa-se o maior dinamismo dos setores produtores de bens de capital e de bens de consumo duráveis, além da recuperação gradual das exportações.

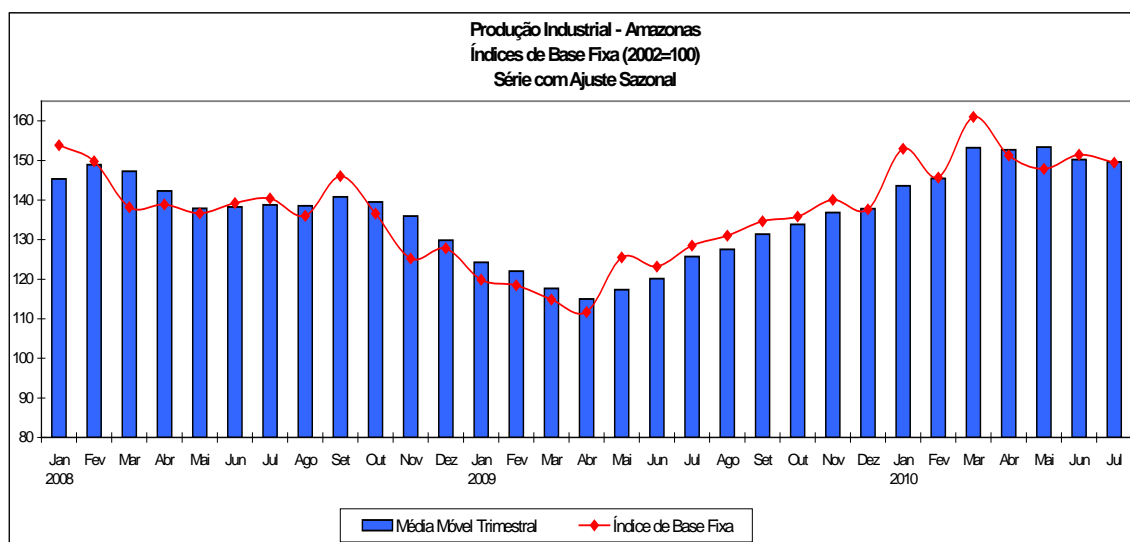
No confronto do desempenho acumulado no primeiro semestre do ano frente ao índice mensal de julho, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, observa-se redução no ritmo de crescimento da atividade industrial na maior parte (doze) dos quatorze locais investigados, acompanhando o movimento do índice nacional, em que o setor passou de 16,2% no primeiro semestre do ano para 8,7% em julho. Vale destacar que esse movimento reflete não só o comportamento mais moderado da atividade industrial nos últimos meses mas também a elevação da base de comparação, uma vez que o segundo semestre de 2009 mostrou ritmo mais intenso que o primeiro. Neste tipo de confronto, Santa Catarina (de 12,3% para -0,1%), Goiás (de 21,0% para 8,8%), Espírito Santo (de 36,9% para 24,7%), Amazonas (de 28,2% para 16,4%) e Minas Gerais (de 22,4% para 11,2%) apontaram as maiores reduções de ritmo entre esses dois períodos.

Indicadores da Produção Industrial
Resultados Regionais - Indústria Geral
(Base: Igual período do ano anterior=100)

Locais	2010	
	1º Semestre	Julho
Amazonas	28,2	16,4
Pará	8,8	3,9
Região Nordeste	14,1	14,3
Ceará	17,0	13,4
Pernambuco	17,9	13,3
Bahia	13,7	14,4
Minas Gerais	22,4	11,2
Espírito Santo	36,9	24,7
Rio de Janeiro	10,8	8,0
São Paulo	15,3	7,9
Paraná	19,6	18,1
Santa Catarina	12,3	-0,1
Rio Grande do Sul	11,2	8,6
Goiás	21,0	8,8
Brasil	16,2	8,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

A produção industrial do **Amazonas**, em julho, recuou 1,3% na comparação com o mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após avançar 2,4% em junho. O índice de média móvel trimestral apresentou decréscimo de 0,4% entre os trimestres encerrados em junho e julho, segundo resultado negativo seguido nesse tipo de indicador.



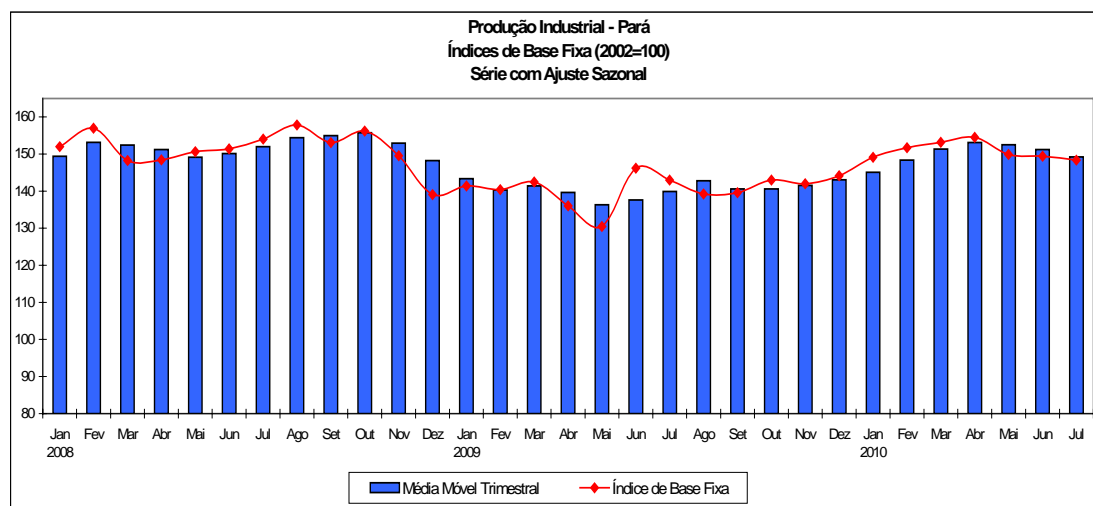
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Em relação a igual mês do ano passado, o índice mensal avançou 16,4%, nona taxa positiva consecutiva neste tipo de comparação. O indicador acumulado no ano ficou em 26,4%, e o acumulado nos últimos doze meses, em trajetória ascendente desde outubro de 2009, atingiu 14,2%.

Na comparação com julho de 2009 (16,4%), nove dos onze segmentos contribuíram positivamente para a formação da taxa global, com destaque para material eletrônico e equipamentos de comunicações (36,6%), seguido por alimentos e bebidas (17,0%) e equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, ópticos e outros (47,1%). Nestes ramos sobressaíram os avanços assinalados em telefones celulares e televisores; preparações em pó e em xarope para elaboração de bebidas; e relógios. Por outro lado, as únicas pressões negativas sobre a média geral vieram de máquinas e equipamentos (-17,8%) e de edição e impressão (-7,8%), influenciadas sobretudo pelo recuo na fabricação de fornos de microondas, no primeiro ramo, e de DVD's e CD's, no segundo.

No indicador acumulado no ano (26,4%), dez setores apontaram avanço na produção frente a igual período do ano anterior, com as contribuições mais significativas sobre a média global vindo de material eletrônico e equipamentos de comunicações (39,0%) e de alimentos e bebidas (33,0%). Vale destacar também as influências positivas assinaladas em máquinas e equipamentos (51,5%), outros equipamentos de transporte (16,8%) e equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, ópticos e outros (29,1%). Nesses setores sobressaíram os avanços na fabricação dos itens: televisores e telefones celulares; preparações em xarope e em pó para elaboração de bebidas; fornos de microondas e aparelhos de ar condicionado; motocicletas; e relógios. Em sentido contrário, apenas edição e impressão (-4,6%) exerceu pressão negativa sobre a média global.

A produção industrial do **Pará** registrou, em julho, recuo de 0,7% na comparação com o mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, terceiro mês seguido de queda, acumulando perda de 4,0% no período. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou queda de 1,3%, terceira taxa negativa consecutiva nesse tipo de indicador.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

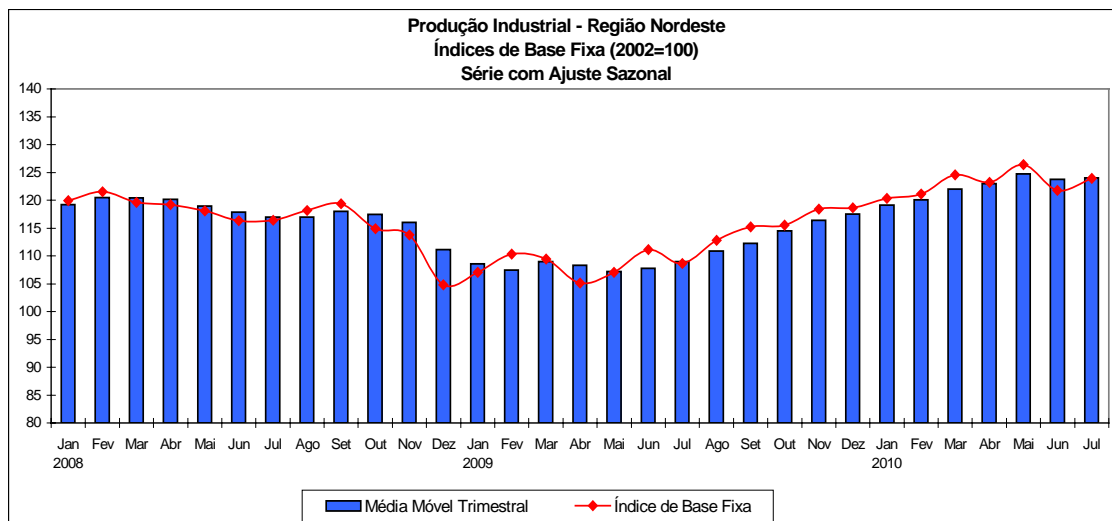
Nas demais comparações, os números permaneceram positivos: 3,9% em relação a julho do ano passado e 8,1% no índice acumulado dos sete primeiros meses do ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos

doze meses, se mantém em trajetória ascendente desde novembro do ano passado, ao passar de 0,3% em junho para 1,3% em julho.

O índice julho 10/julho 09 mostrou aumento de 3,9%, com cinco dos seis setores pesquisados apontando avanço na produção. A maior contribuição positiva sobre a média geral veio da indústria extrativa (6,7%), com destaque para o crescimento na extração de minérios de ferro. Em menor medida, alimentos e bebidas (17,0%) e celulose e papel (14,1%) também exerceram pressões positivas importantes, sobretudo em função dos avanços na produção de refrigerantes e de celulose, respectivamente. Por outro lado, apenas metalurgia básica (-5,9%) registrou resultado negativo neste confronto, influenciada, principalmente, pela menor produção de óxido de alumínio.

No indicador acumulado para janeiro-julho de 2010, a taxa global de 8,1% foi influenciada positivamente por quatro das seis atividades pesquisadas. Entre essas, a principal contribuição no resultado global veio da indústria extrativa (13,6%) impulsionada, principalmente, pelo aumento na extração de minérios de ferro. Com impactos positivos relevantes sobre a média global, figuraram ainda minerais não metálicos (41,9%) e alimentos e bebidas (15,3%), pressionadas, respectivamente, pela maior fabricação de caulim beneficiado e cimentos *portland*, e de refrigerantes. Em sentido oposto, os dois resultados negativos foram observados nos setores de metalurgia básica (-2,0%), por conta da menor produção de óxido de alumínio e de alumínio não ligado em formas brutas, e de madeira (-13,2%), em função dos itens madeira serrada e compensada.

Em julho, a produção industrial do **Nordeste** ajustada sazonalmente cresceu 1,7% em relação ao mês imediatamente anterior, revertendo a queda assinalada em junho (-3,6%). Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral voltou a mostrar taxa positiva (0,2%), após recuo de 0,7% no mês anterior, resultado que interrompeu seqüência de doze taxas positivas consecutivas, que acumularam ganho de 16,3%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

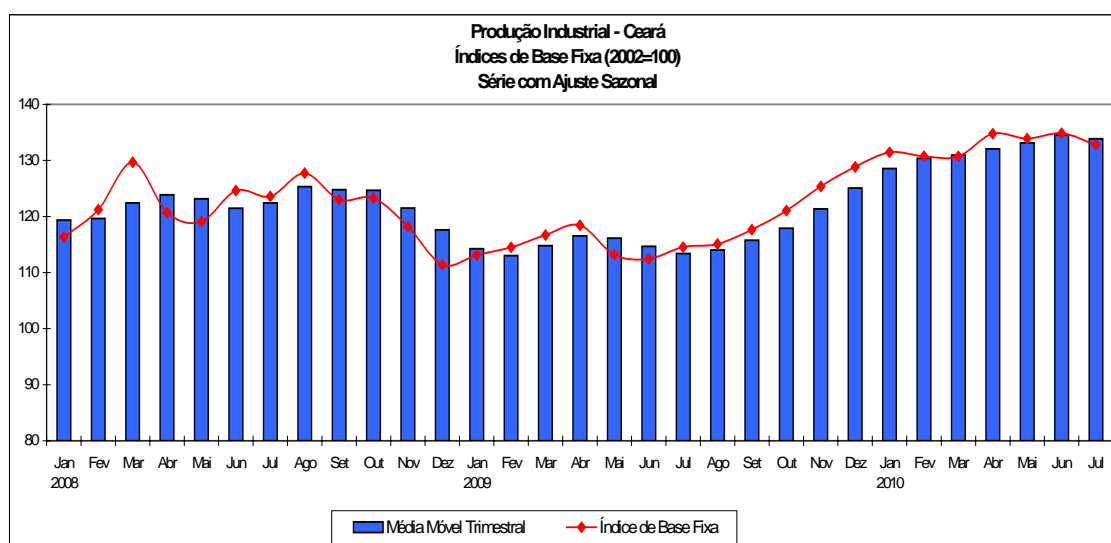
Em comparação com iguais períodos do ano anterior, a produção industrial nordestina cresceu 14,3% em relação a julho de 2009 e 14,1% no acumulado dos sete primeiros meses do ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses avançou 8,3%, após registrar 6,5% no mês anterior, e prosseguiu com a trajetória ascendente iniciada em setembro de 2009 (-7,3%).

O indicador mensal da indústria do Nordeste assinalou a nona taxa positiva seguida, com resultados positivos em nove dos onze setores pesquisados. A maior contribuição positiva para a composição da taxa de 14,3% veio de refino de petróleo e produção de álcool (64,7%), influenciado não só pelo aumento na produção de óleo diesel e naftas para petroquímica, mas também por uma baixa base de comparação. Em seguida, vale mencionar os avanços na produção de alimentos e bebidas (15,5%), em função da maior fabricação de refrigerantes e castanha de caju beneficiada e torrada; de celulose e papel (21,8%), por conta do item celulose; e de metalurgia básica (14,5%), em razão do acréscimo na fabricação de vergalhões de aço ao carbono e óxido de alumínio.

No indicador acumulado no ano, a indústria nordestina avançou 14,1%, com taxas positivas em todos os setores investigados. O maior impacto positivo foi assinalado por refino de petróleo e produção de álcool (33,1%) por conta, principalmente, do aumento na produção de óleo diesel. Vale citar ainda, as influências positivas vindas de alimentos e bebidas

(11,0%), produtos químicos (8,5%) e de metalurgia básica (19,7%), devido, respectivamente, à maior fabricação de refrigerantes, borracha de estireno-butadieno e vergalhões de aço ao carbono.

Em julho, a produção industrial do **Ceará** ajustada sazonalmente recuou 1,5% em relação ao mês imediatamente anterior, após acréscimo de 0,7% em junho. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral recuou 0,5%, interrompendo uma série de onze resultados positivos, que acumularam ganho de 18,6%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

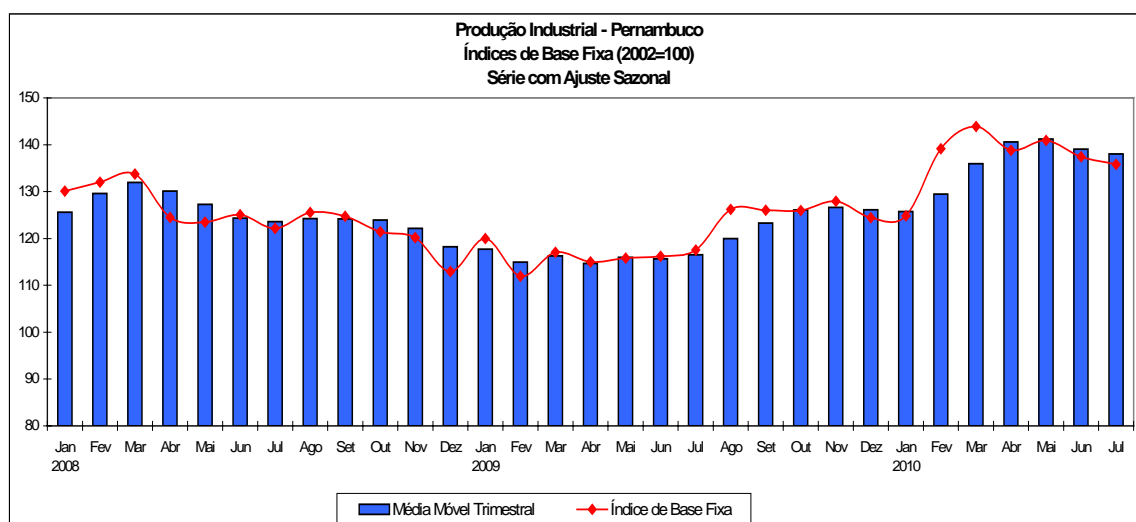
Em comparação com iguais períodos do ano anterior, a produção industrial cearense avançou 13,4% no indicador mensal e 16,5% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses, ao passar de 7,2% em junho para 8,9% em julho, prosseguiu com trajetória ascendente iniciada em outubro de 2009 (-5,9%).

O índice mensal de julho cresceu 13,4%, nona taxa positiva consecutiva, sustentado sobretudo pelas expansões em oito das dez atividades investigadas, com destaque para o crescimento observado em alimentos e bebidas (19,7%). Nesse setor, sobressaíram os avanços na fabricação dos itens castanha de caju beneficiada e torrada, refrigerantes, farinha de trigo, cervejas e chope. Em seguida, vale citar também os resultados positivos vindos de calçados e artigos de couro (18,1%), em

função da maior produção de calçados de plástico e de couro, ambos de uso feminino; máquinas, aparelhos e materiais elétricos (77,7%), apoiado na expansão do item transformadores; e refino de petróleo e produção de álcool (50,9%), influenciado não só pela maior fabricação de gás liqüefeito de petróleo (GLP) e óleos lubrificantes básicos, mas também por uma baixa base de comparação, por conta da paralisação técnica ocorrida em julho do ano passado. Em sentido contrário, as duas taxas negativas foram assinaladas por têxtil (-5,7%) e produtos químicos (-0,1%), em função, respectivamente, da menor produção de tecidos de algodão e de malhas de fibras sintéticas; e de oxigênio e carbonato de cálcio.

O indicador acumulado no ano cresceu 16,5%, com taxas positivas em nove dos dez setores. As maiores influências positivas foram registradas por alimentos e bebidas (12,3%), produtos químicos (34,0%) e calçados e artigos de couro (18,2%), em função, respectivamente, do aumento na produção de castanha de caju torradas; vacinas para medicina veterinária; e calçados de plástico de uso feminino. Por outro lado, a única pressão negativa veio de vestuário e acessórios (-2,4%), por conta da menor produção de camisas de malha de uso masculino.

Em julho, a produção industrial de **Pernambuco** ajustada sazonalmente recuou 1,2% em relação ao mês imediatamente anterior, após queda de 2,5% em junho. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral recuou 0,7% entre os trimestres encerrados em junho e julho, após assinalar queda de 1,5% no mês anterior.



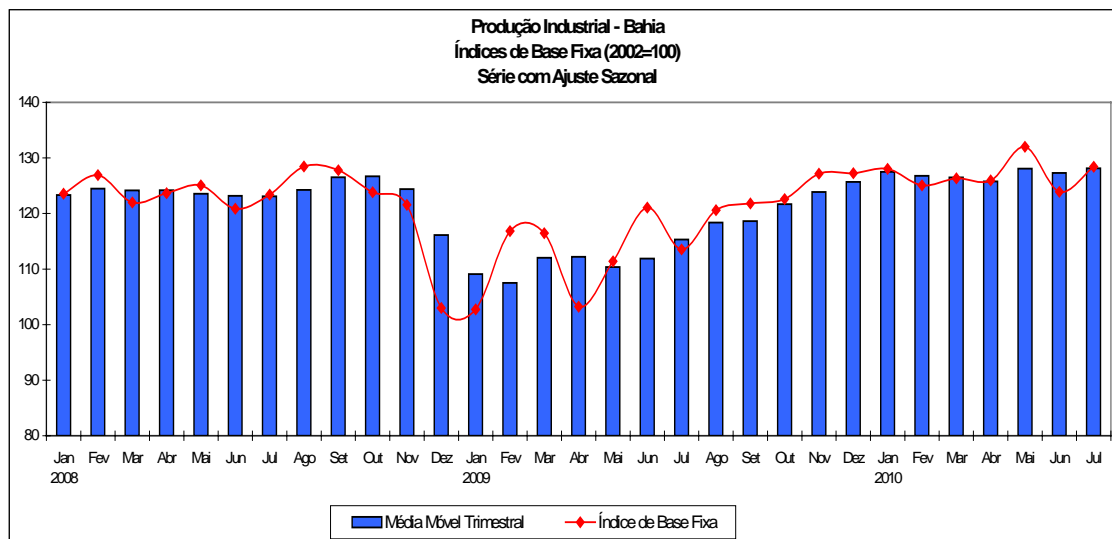
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Em relação aos mesmos períodos de 2009, a indústria pernambucana cresceu 13,3% no indicador mensal e 17,3% no acumulado no ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, passou de 9,3% em junho para 10,6% em julho, e prosseguiu com a trajetória ascendente iniciada em outubro de 2009 (-5,1%).

O indicador mensal da indústria pernambucana assinalou o décimo segundo resultado positivo consecutivo, com aumento na produção em todos os onze setores pesquisados. Para a formação da taxa de 13,3%, a maior contribuição positiva veio de produtos químicos (31,0%), em função do crescimento na fabricação de borracha de estireno-butadieno. Vale mencionar também os resultados positivos vindos de alimentos e bebidas (7,6%), por conta da maior produção de óleos vegetais e refrigerantes; de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (36,3%), apoiado no aumento da produção de pilhas e baterias elétricas, e lâmpadas; e de minerais não metálicos (11,4%), devido à expansão na fabricação de pia, banheira e semelhantes de cerâmica, e garrafas, garrafões e frascos de vidro para embalagem.

No indicador acumulado do ano, a produção pernambucana avançou 17,3%, com resultados positivos em dez das onze atividades. As principais influências positivas vieram de produtos químicos (30,3%), alimentos e bebidas (9,8%) e metalurgia básica (25,4%), impulsionados, respectivamente, pela maior produção de borracha de estireno-butadieno e tintas e vernizes para construção; sorvetes e refrigerantes; chapas e tiras de alumínio e vergalhões de aço ao carbono. Por outro lado, refino de petróleo e produção de álcool (-27,8%), em razão da menor produção de álcool, foi o único setor que assinalou recuo.

Em julho, a produção industrial da **Bahia** ajustada sazonalmente cresceu 3,6%, em relação ao mês imediatamente anterior, após recuar 6,2% em junho. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral, avançou 0,6% em julho, após registrar queda de 0,6% no mês anterior.



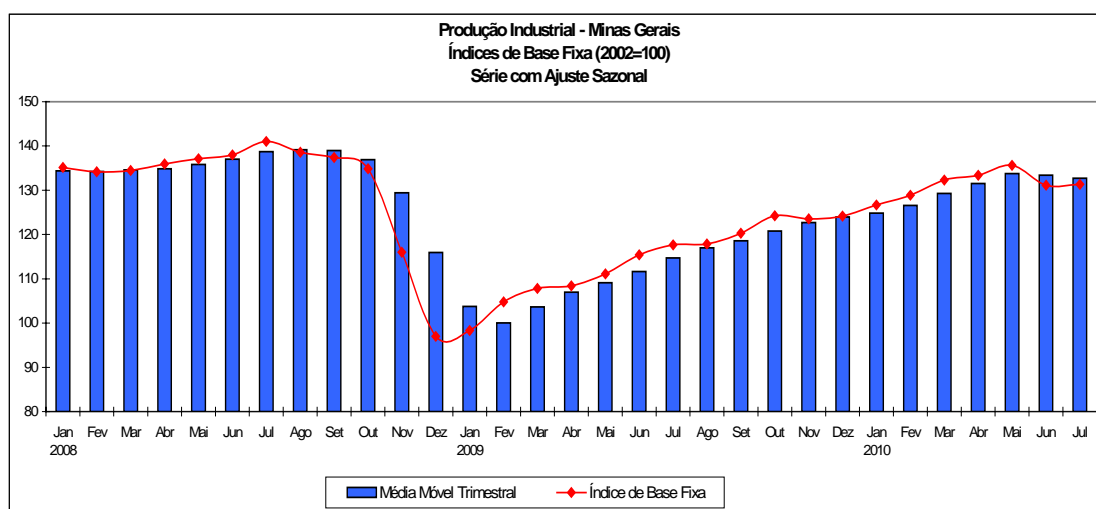
No confronto com iguais períodos do ano passado, a indústria baiana cresceu 14,4% no indicador mensal e 13,8% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses avançou 8,8%, após assinalar incremento de 6,7% em junho, e prosseguiu com a trajetória ascendente iniciada em setembro de 2009 (-8,1%).

O índice mensal de julho da indústria baiana mostrou expansão de 14,4%, décimo mês seguido de crescimento na produção, apoiado em grande parte na expansão de oito dos nove setores pesquisados. O principal impacto positivo veio de refino de petróleo e produção de álcool (63,2%), influenciado não só pelo aumento na produção de óleo diesel e naftas para petroquímica, mas também pela baixa base de comparação. Vale citar ainda as contribuições positivas vindas das atividades de celulose e papel (23,2%) e de alimentos e bebidas (10,9%), impulsionadas pela maior fabricação de celulose, no primeiro ramo, e de leite em pó e refrigerantes, no segundo. Em sentido oposto, a única taxa negativa foi observada no setor de produtos químicos (-7,8%), pressionado principalmente pela queda na produção de polietileno de alta densidade e etileno não-saturado.

No indicador acumulado no ano, a indústria baiana avançou 13,8%, com crescimento na produção em todas as nove atividades pesquisadas. As maiores influências positivas vieram de refino de petróleo e produção de álcool (42,2%), metalurgia básica (16,2%) e alimentos e bebidas (8,5%), por conta, respectivamente, do aumento na produção de óleo diesel e naftas para

petroquímica; vergalhões de aço ao carbono e barra, perfis e vergalhões de cobre; refrigerantes e leite em pó.

Em julho de 2010, a produção industrial de **Minas Gerais** ficou praticamente estável (0,1%) frente ao patamar do mês anterior, na série livre dos efeitos sazonais, após recuar 3,3% em junho. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral mostrou decréscimo de 0,5% em julho, acentuando o ritmo de queda observado no mês anterior (-0,3%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

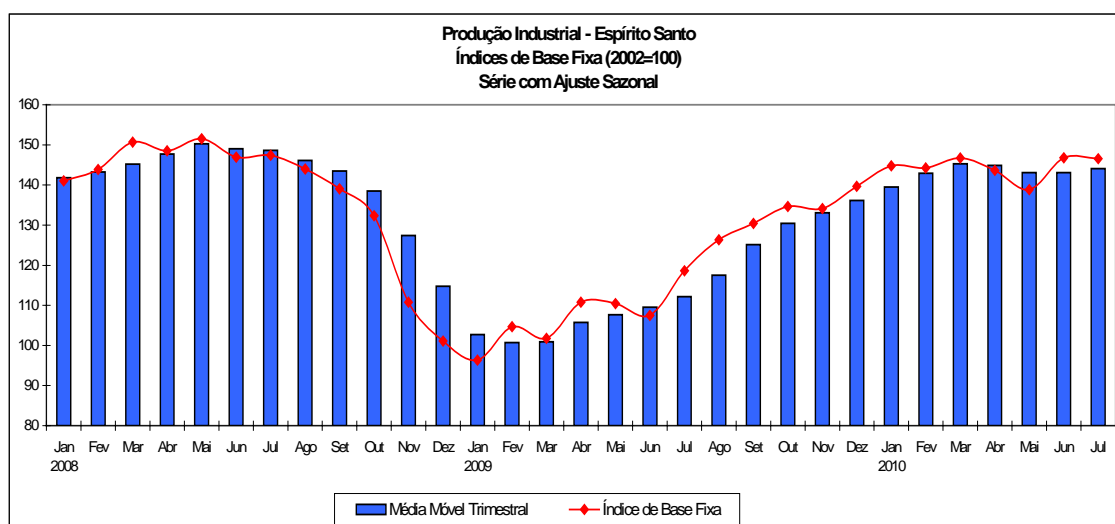
Frente a julho de 2009 a atividade industrial mineira cresceu 11,2%, completando uma sequência de nove meses de resultados positivos nesse tipo de comparação. Com o desempenho deste mês o indicador acumulado para os sete primeiros meses do ano registrou expansão de 20,5%, abaixo, portanto, da marca observada ao final do primeiro semestre (22,4%). A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, em trajetória ascendente desde outubro de 2009, atingiu 10,1% em julho, marca mais elevada desde o início da série histórica.

Em relação a julho de 2009, o setor industrial de Minas Gerais avançou 11,2%, sustentado tanto pelo crescimento da indústria extrativa (27,1%), por conta da maior extração de minérios de ferro, como da indústria de transformação (8,6%). Nesta última, observou-se resultados positivos em sete dos doze ramos pesquisados, com destaque para metalurgia

básica (28,4%) e máquinas e equipamentos (60,4%), impulsionados pela expansão na maior parte dos produtos investigados (aproximadamente 76% e 86%, respectivamente). Nestes segmentos sobressaíram os acréscimos em ferronióbio, chapas grossas de aço ao carbono e ferro-gusa; escavadeiras e motoniveladores. Por outro lado, entre os cinco ramos que apontaram taxas negativas, os impactos negativos mais relevantes ficaram com outros produtos químicos (-4,7%) e veículos automotores (-1,2%), pressionados em grande parte pelos itens adubos e fertilizantes e inseticidas para uso na agricultura, no primeiro ramo, e automóveis no segundo.

O aumento de 20,5% no indicador acumulado no ano foi influenciado sobretudo pela expansão em onze dos treze ramos pesquisados, com destaque para metalurgia básica (44,0%), indústrias extrativas (39,9%), máquinas e equipamentos (99,9%) que exerceram as principais contribuições positivas na média global. Nesses setores sobressaíram os itens: ferronióbio e lingotes, blocos, tarugos e placas de aço especiais; minérios de ferro; e escavadeiras e motoniveladores. Por outro lado, celulose e papel (-2,2%) e fumo (-3,6%) apontaram os dois únicos impactos negativos.

Em julho de 2010, a produção industrial do **Espírito Santo** ajustada sazonalmente, assinalou ligeira variação negativa (-0,2%) frente ao patamar de junho, após crescer 5,7% no mês anterior. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral avançou em 0,7% no trimestre encerrado em julho, após ficar estável no mês anterior (0,0%).



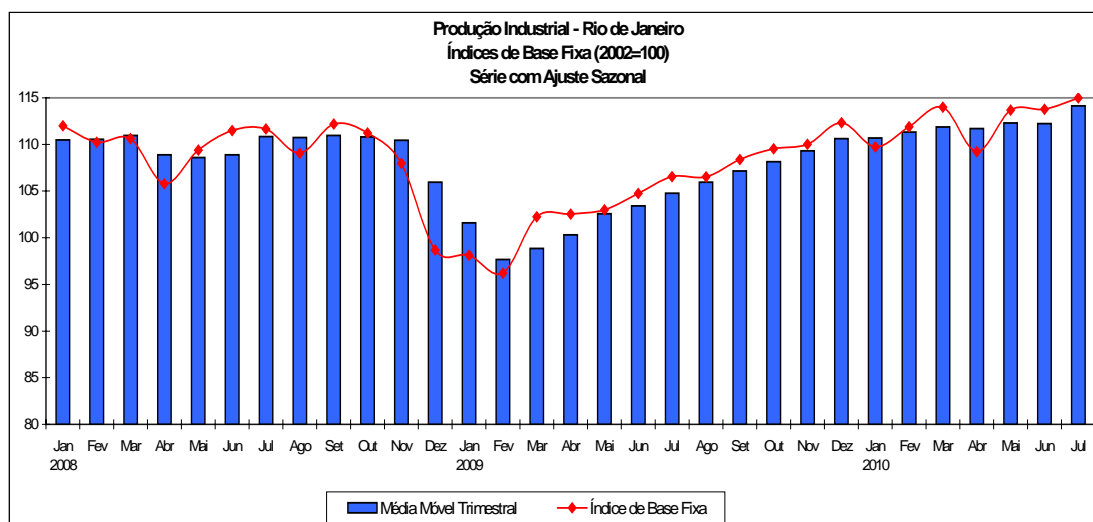
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Na comparação com julho de 2009, a indústria capixaba cresceu 24,7%, décimo resultado positivo consecutivo nesse tipo de confronto. No indicador acumulado do ano e no dos últimos doze meses também observou-se expansão de dois dígitos: 34,9% e 21,1%, respectivamente. Vale destacar que o indicador acumulado nos últimos doze meses manteve a trajetória ascendente iniciada em setembro do ano passado.

No confronto com julho do ano passado, a indústria do Espírito Santo mostrou expansão de 24,7%, apoiado no crescimento tanto do setor extrativo (59,3%) como no da indústria de transformação (11,4%). Nesta última, sobressaíram os impactos positivos vindos de alimentos e bebidas (50,4%), refletindo o aumento da produção de bombons; e de metalurgia básica (9,5%), influenciado em grande parte pelo item lingotes, blocos e tarugos de aço ao carbono. Por outro lado, celulose e papel (-2,5%) foi o único setor que assinalou resultado nesse tipo de comparação, pressionado pelo recuo na fabricação de celulose.

A produção acumulada nos sete primeiros meses do ano, frente ao mesmo período do ano passado, avançou 34,9%, com todos os setores apontando resultados positivos. As principais contribuições sobre a média da indústria vieram dos setores extrativo (88,2%) e de metalurgia básica (34,5%), impulsionados em grande parte pelos itens minérios de ferro e petróleo, no primeiro ramo, e lingotes, blocos e tarugos de aço ao carbono, no segundo. Os demais resultados positivos foram: alimentos e bebidas (22,9%), minerais não metálicos (6,7%) e celulose e papel (2,4%).

A produção industrial do **Rio de Janeiro** mostrou, em julho, avanço de 1,1% frente a junho, na série livre de influências sazonais, terceiro resultado positivo consecutivo, acumulando nesse período ganho de 5,3%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral ampliou em 1,7% o patamar de junho, após ficar praticamente estável no mês anterior (-0,1%).



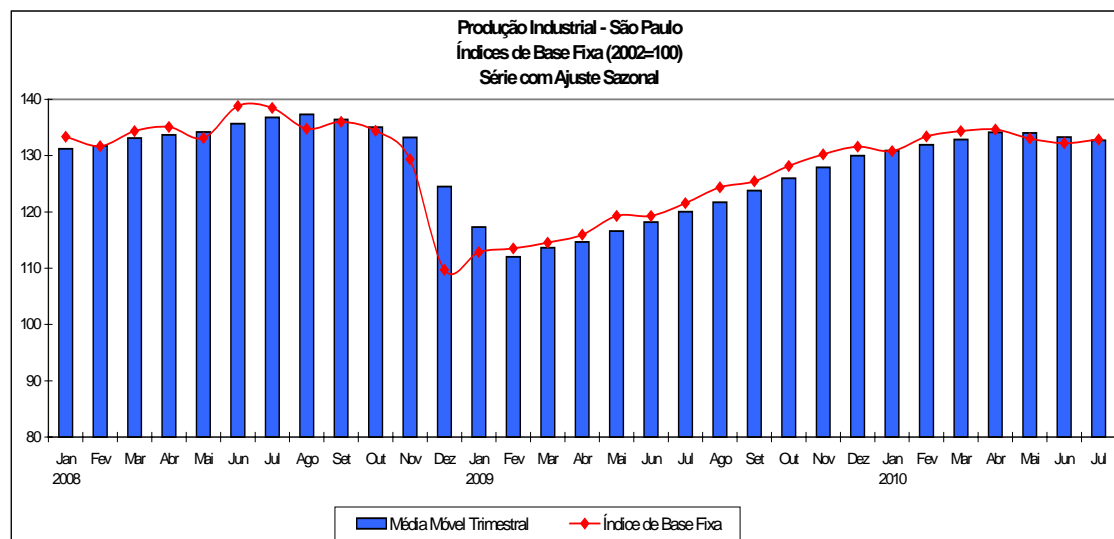
Na comparação com julho de 2009, o setor industrial fluminense registrou expansão de 8,0%, nona taxa positiva consecutiva neste tipo de confronto. O indicador acumulado nos sete primeiros meses de 2010 ficou em 10,4%, ritmo ligeiramente abaixo do verificado no primeiro semestre do ano (10,8%). A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, confirma a trajetória ascendente iniciada em outubro do ano passado (-5,9%), e acelerou o ritmo de crescimento, ao passar de 5,4% em junho para 6,5% em julho.

No confronto com igual mês do ano anterior, o avanço de 8,0% no índice global foi influenciado pelo desempenho positivo da indústria de transformação (11,7%), uma vez que o setor extrativo prosseguiu em queda (-5,0%). Entre as dez atividades da indústria de transformação que apontaram taxas positivas, sobressaíram as expansões vindas de veículos automotores (43,4%) e de metalurgia básica (28,6%), ambos impulsionados pelo acréscimo na maior parte dos produtos pesquisados. Vale citar também as contribuições positivas de refino de petróleo e produção de álcool (8,5%), bebidas (14,9%) e de outros produtos químicos (11,9%). Nesses setores, os itens de maior destaque foram: caminhões, chassis para caminhões e ônibus, ônibus e automóveis; barras e vergalhões de aço ao carbono, folhas-de-flandres e bobinas a frio de aço ao carbono; óleo diesel, gasolina e naftas para petroquímica; cervejas, chope e refrigerantes; e herbicidas para agricultura e aditivos para óleos

lubrificantes. Por outro lado, os dois impactos negativos na indústria de transformação vieram de minerais não metálicos (-7,5%) e de edição e impressão (-2,3%), pressionados pela menor fabricação dos itens granito talhado, no primeiro ramo, e jornais no segundo.

No indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano, a indústria fluminense assinalou expansão de 10,4%, com perfil generalizado de crescimento, que atingiu dez dos treze ramos pesquisados. As principais contribuições positivas foram registradas por metalurgia básica (45,3%) e veículos automotores (53,4%), seguidos por farmacêutica (16,2%) e bebidas (16,3%). Nesses ramos sobressaíram os avanços vindos dos itens bobinas, barras e vergalhões de aços ao carbono; caminhões, automóveis, ônibus e chassis com motor para caminhões e ônibus; medicamentos; e cervejas e chope. Em sentido oposto, entre os três ramos que apontaram queda na produção, o de maior impacto sobre a média global continuou vindo de minerais não metálicos, que assinalou recuo de 11,5%, pressionado sobretudo pela menor fabricação de granito talhado e massa de concreto.

Em julho de 2010, a produção industrial de **São Paulo** avançou 0,5% frente ao mês anterior, na série livre de efeitos sazonais, praticamente eliminando a queda de 0,6% assinalada em junho. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral, que recuou 0,5% entre os trimestres encerrados em junho e julho, apontou o terceiro resultado negativo consecutivo.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

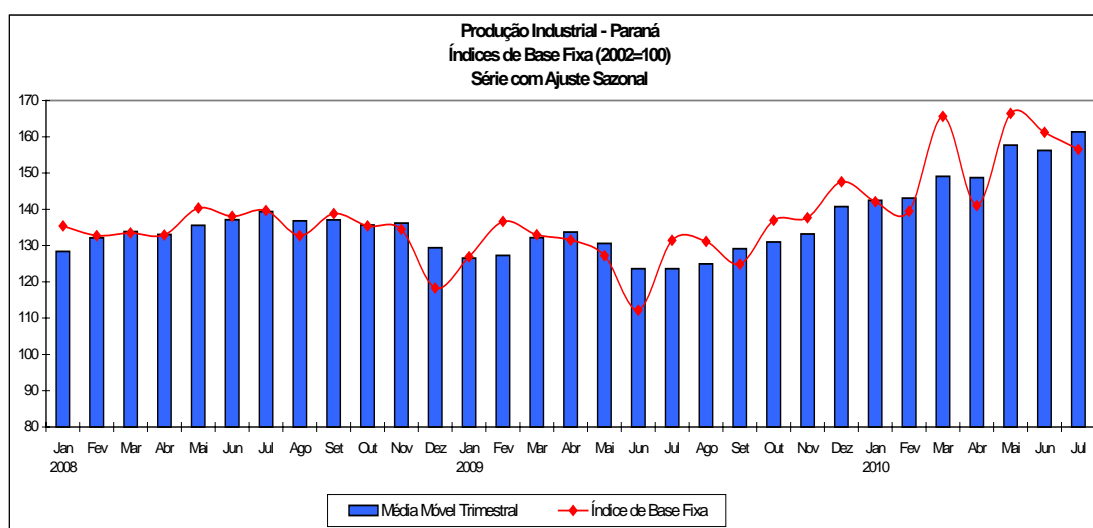
Na comparação com iguais períodos de 2009, os resultados permaneceram positivos: 7,9% frente a julho e 14,1% no acumulado dos sete primeiros meses do ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, em trajetória ascendente desde outubro do ano passado, atingiu 7,4% em julho, maior taxa desde outubro de 2008 (8,0%).

No crescimento de 7,9% do índice mensal, observou-se predomínio de resultados positivos, que atingiram dezesseis das vinte atividades pesquisadas, com destaque para veículos automotores (19,2%), impulsionado pela expansão em aproximadamente 90% dos produtos investigados no setor. Vale citar também as pressões positivas vindas de máquinas e equipamentos (21,7%), alimentos (12,7%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (25,3%). Nesses segmentos sobressaíram os acréscimos na fabricação dos itens: caminhões, caminhões-trator e automóveis; carregadoras-transportadoras, partes e peças para máquinas e aparelhos de terraplanagem e máquinas para colheita; açúcar cristal e sucos concentrados de laranja; e transformadores, fios, cabos e condutores elétricos e conectores para cabos. Em sentido oposto, entre os quatro setores que assinalaram recuo na produção, o principal impacto veio da indústria farmacêutica (-9,6%), pressionada pelo recuo na produção de medicamentos.

O avanço de 14,1% no indicador acumulado dos sete primeiros meses do ano foi influenciado pelo crescimento de dezessete ramos, com destaque para veículos automotores (31,6%) e máquinas e equipamentos (36,6%) que exerceram as principais contribuições positivas sobre a média global. Outras pressões positivas importantes vieram de produtos de metal (39,1%), outros produtos químicos (15,7%), borracha e plástico (22,8%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (21,1%) e metalurgia básica (33,6%). Nesses ramos sobressaíram os avanços na fabricação de automóveis, caminhão-trator e caminhões; carregadoras-transportadoras, máquinas para colheita e centros de usinagem; partes e peças para bens de capital; tintas e vernizes e inseticidas para uso doméstico; pneus e peças e acessórios de borracha e plástico para indústria automobilística; transformadores; e bobinas a frio de aços ao carbono. Por outro lado, refino de petróleo e produção de álcool

(-7,2%), outros equipamentos de transporte (-10,5%) e farmacêutica (-3,7%) assinalaram os três resultados negativos no acumulado dos sete primeiros meses do ano.

A produção industrial do **Paraná** recuou 2,9% em julho frente ao mês imediatamente anterior, já descontadas as influências sazonais, após registrar expansão de 18,0% em maio e queda de 3,1% em junho. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 3,3% entre os trimestres encerrados em junho e julho.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

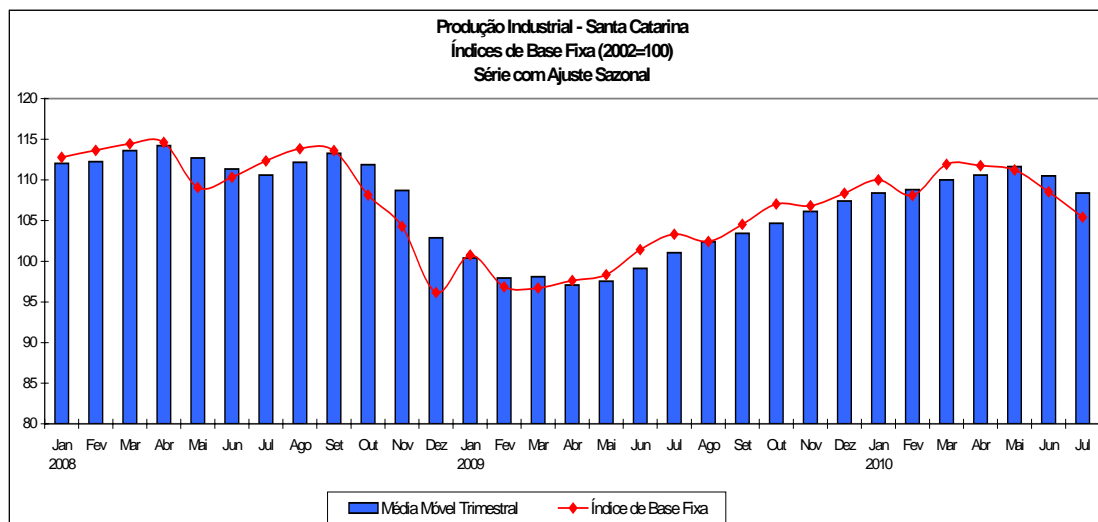
Em relação a igual mês do ano anterior, a produção paranaense cresceu 18,1%, décima taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação. O indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano avançou 19,3%. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, prosseguiu com a trajetória ascendente iniciada em novembro do ano passado, ao passar de 10,2% em junho para 12,3% em julho.

No índice mensal (18,1%), onze das quatorze atividades pesquisadas apontaram resultados positivos, com destaque para veículos automotores (94,4%), que exerceu a principal influência positiva sobre a média global, seguido por alimentos (19,7%), máquinas e equipamentos (10,5%), madeira (24,4%) e bebidas (42,7%). Nesses ramos sobressaíram os acréscimos na fabricação de caminhões e caminhão-trator; açúcar cristal e carnes e miudezas de aves; tratores agrícolas e máquinas e equipamentos para os

setores de celulose, têxtil e alimentos; madeira serrada; e cervejas, chope e refrigerantes. Por outro lado, as influências negativas mais significativas vieram de refino de petróleo e produção de álcool (-12,1%) e outros produtos químicos (-13,3%), devido principalmente aos recuos na produção dos itens gasolina, óleo diesel e gás liquefeito de petróleo (GLP), no primeiro ramo, e adubos e fertilizantes no segundo.

No indicador acumulado no período janeiro-julho de 2010, o setor industrial paranaense avançou 19,3%, impulsionado pelo desempenho de doze dos quatorze ramos investigados. Os principais impactos positivos vieram de veículos automotores (67,5%), máquinas e equipamentos (37,0%), edição e impressão (15,6%) e alimentos (5,4%), influenciados em grande parte pelo aumento na produção de caminhões e caminhão-trator; máquinas e equipamentos para o setor de celulose, tratores agrícolas e máquinas para colheita; livros, brochuras e impressos didáticos; carnes e miudezas de aves e açúcar cristal. Em sentido contrário, somente os setores de outros produtos químicos (-8,5%) e de refino de petróleo e produção de álcool (-0,8%) apontaram taxas negativas no acumulado dos sete primeiros meses do ano.

Em julho de 2010, o índice da produção industrial de **Santa Catarina** ajustado sazonalmente recuou 2,9% frente a junho, quarta taxa negativa consecutiva, acumulando perda de 5,8% neste período. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou queda de 1,9% em julho, após também recuar em junho (-1,0%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

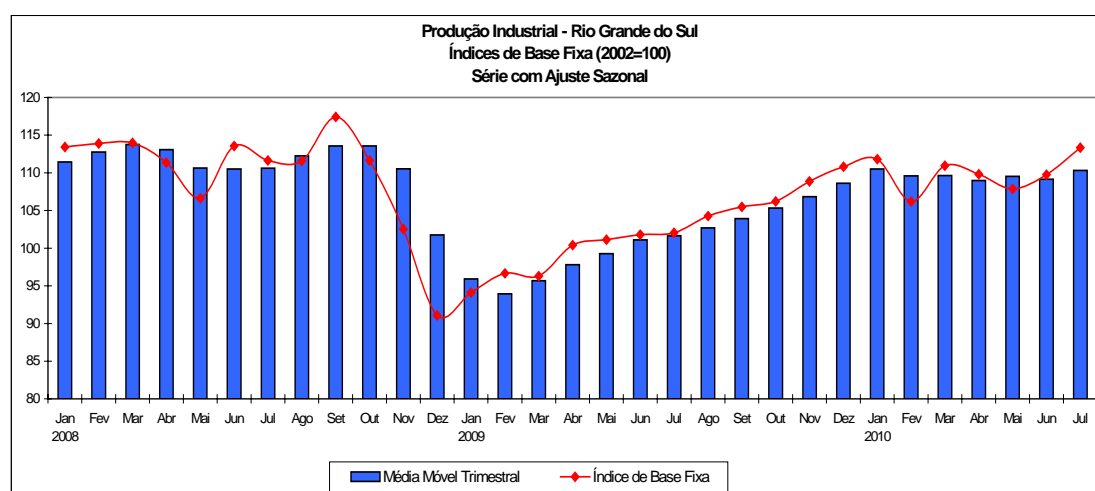
Na comparação com igual mês do ano anterior, a indústria catarinense assinalou variação negativa de 0,1%, interrompendo oito meses consecutivos de taxas positivas. O indicador acumulado para os sete primeiros meses do ano registrou expansão de 10,3%. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, manteve a trajetória de aceleração no ritmo de crescimento observado nos últimos meses, ao passar de 4,2% em junho para 5,0% em julho.

A variação de -0,1% da indústria catarinense frente a julho de 2009 mostrou a maior influência da queda observada em quatro das onze atividades investigadas. As pressões negativas mais relevantes sobre a média global vieram de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-16,9%), veículos automotores (-28,5%) e de alimentos (-3,6%). Nesses ramos, as maiores contribuições negativas foram registradas por motores elétricos; carrocerias para ônibus e caminhões; e preparações e conservas de peixes e carnes e miudezas de aves. Entre os sete setores que assinalaram taxas positivas, os principais impactos vieram de metalurgia básica (58,6%), borracha e plástico (12,9%) e de madeira (14,0%). Nestes ramos sobressaíram, respectivamente, os incrementos na produção de peças de ferro fundido e barras, perfis e vergalhões de alumínio; peças e acessórios de plástico para indústria automobilística; portas e janelas de madeira e madeira serrada.

Na produção acumulada em janeiro-julho, frente a igual período de 2009, a indústria catarinense avançou 10,3%, com ligeira diminuição no ritmo de crescimento frente ao fechamento do primeiro semestre do ano (12,3%). Entre as onze atividades investigadas, nove apontaram expansão na produção, com destaque para máquinas e equipamentos (37,1%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (42,7%), borracha e plástico (20,9%) e têxtil (9,7%), impulsionados em grande parte pela maior produção, respectivamente, de compressores e refrigeradores; motores elétricos; peças e acessórios de plástico para indústria automobilística; e roupas de banho de algodão. Por outro lado, os dois únicos resultados negativos foram assinalados por veículos automotores (-33,5%) e alimentos (-2,3%),

pressionados sobretudo pela menor produção de carrocerias para ônibus e caminhões; e carnes e miudezas de aves e preparações e conservas de peixes, respectivamente.

O setor industrial do **Rio Grande do Sul** mostrou, pelo segundo mês consecutivo, acréscimo na produção na comparação com o mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais: 1,7% em junho e 3,3% em julho. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral avançou 1,1% em julho, após recuar 0,4% no mês anterior.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

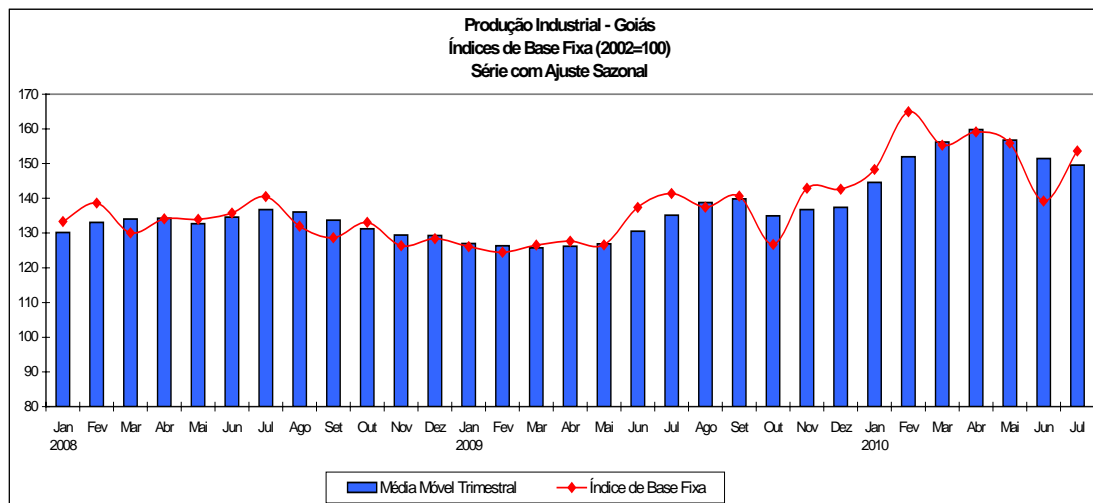
Em julho de 2010, o índice mensal mostrou avanço de 8,6% e o acumulado no ano cresceu 10,8%, ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, registrou expansão de 6,6% e manteve a trajetória ascendente iniciada em outubro do ano passado.

No índice mensal, expansão de 8,6%, o setor industrial gaúcho assinalou a nona taxa positiva consecutiva, com dez dos quatorze setores investigados apontando avanço na produção. As principais influências positivas sobre a média global vieram de máquinas e equipamentos (42,4%) e de veículos automotores (34,2%) pressionados, principalmente, pelos itens: máquinas para colheita e ferramentas hidráulicas de motor não-elétrico; e reboques e semi-reboques e carrocerias para ônibus. Vale destacar também os resultados positivos vindos de metalurgia básica (36,5%) e de produtos de

metal (22,1%). Nesses setores sobressaíram os itens barras de aço ao carbono e de outras ligas de aço, no primeiro ramo, e colher, garfo e facas, no segundo. Por outro lado, os destaques negativos ficaram com os setores de outros produtos químicos (-9,0%), por conta da menor produção de polietileno de alta densidade e tintas e vernizes para construção; de produtos do fumo (-9,8%), influenciado pelo item fumo processado; e de alimentos (-4,3%), pressionado pela queda na fabricação de arroz branqueado e de carnes de suínos congelados.

A expansão de 10,8% no indicador acumulado no ano teve perfil generalizado de crescimento, atingindo onze dos quatorze ramos investigados. Os avanços assinalados por veículos automotores (35,2%), máquinas e equipamentos (34,7%) e metalurgia básica (61,3%) exerceram as principais influências positivas sobre a média da indústria. Nesses ramos, sobressaíram os incrementos na produção dos itens reboques e semi-reboques e eixos e outras peças para transmissão; máquinas para colheita e ferramentas hidráulicas de motor não-elétrico; e barras de aço ao carbono e de outras ligas de aço, respectivamente. Por outro lado, os três resultados negativos foram observados nos setores produtores de fumo (-15,1%), de alimentos (-2,3%) e de refino de petróleo e produção de álcool (-1,9%), influenciados principalmente pelos itens cigarros e fumo processado; arroz branqueado e leite em pó; e naftas para petroquímica e gasolina, respectivamente.

Em julho de 2010, a produção industrial de **Goiás** avançou 10,3% na comparação com o mês anterior, na série livre dos efeitos sazonais, após dois meses consecutivos de queda, período em que acumulou perda de 12,5%. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral mostrou recuo de 1,2% frente a junho, terceiro resultado negativo seguido nesse tipo de indicador.



Na comparação Julho 10/Julho 09, o setor industrial goiano registrou expansão de 8,8%, nona taxa positiva consecutiva neste tipo de confronto. O indicador acumulado nos sete primeiros meses de 2010 ficou em 18,9%, ritmo de crescimento abaixo do verificado no primeiro semestre do ano (21,0%). A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, mostrou ligeiro ganho de ritmo, ao passar de 12,4% em junho para 12,8% em julho.

No confronto com julho de 2009, a produção industrial de Goiás cresceu 8,8%, apoiada sobretudo na expansão dos setores de produtos químicos (36,3%) e de alimentos e bebidas (5,5%). Nessas atividades, sobressaíram a maior fabricação dos itens medicamentos e adubos e fertilizantes, no primeiro ramo, e leite em pó, farinhas, "pellets" e óleo de soja, no segundo. Por outro lado, entre os três setores que apontaram taxas negativas, destaca-se a queda de metalurgia básica (-13,8%), explicada em grande parte pela redução na produção de ferronióbio e ferroníquel.

A produção industrial acumulada nos sete primeiros meses do ano avançou 18,9%, apoiada na expansão de quatro dos cinco ramos investigados. A principal contribuição positiva sobre a média global ficou com produtos químicos (104,1%), seguido por alimentos e bebidas (7,5%) e minerais não metálicos (16,2%). Nesses setores, destacaram-se os itens medicamentos, no primeiro setor, refrigerantes, leite em pó e maionese no segundo, e cimento *portland* no último. Em sentido contrário, a única taxa negativa foi

observada em metalurgia básica (-4,3%), pressionada sobretudo pelo recuo na fabricação do item ferronióbio.